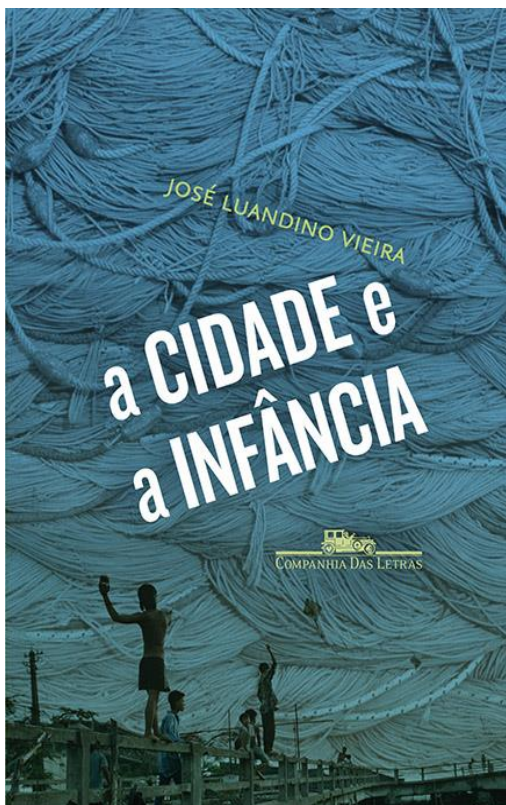


Memórias da infância na narrativa: “O nascer do sol” de Luandino Vieira

Mbiavanga Adão Garcia¹



RESUMO

No cenário atual, em que as literaturas africanas têm sido um marco histórico e cultural, a literatura angolana tem abraçado o mesmo ideal para que a cultura e memórias africanas não estejam limitadas simplesmente nas oralidades. Sendo assim, a compreensão das representações da infância na literatura angolana vem ganhando espaço desde o embrião literário angolano. É com esse intuito que é trazido o conto “O nascer do sol” de José Luandino Vieira publicado em 1955, onde carrega momentos diversos da infância não só do escritor, mas em geral transportando em si a história de Angola. Apesar de toda a crítica presente na narrativa, também há lugar para a representação do cotidiano, das brincadeiras da infância, alguns problemas como: o preconceito e a separação da cidade de Luanda entre bairros ricos, de asfalto, e pobres, de terra vermelha, das conversas de portão e do aflorar das paixões juvenis. Diante deste contexto, este trabalho busca analisar as memórias da infância de Luandino Vieira apresentadas em seu conto e a concepção de infância, bem como a sua evolução.

Palavras-chave: Cultura; Memória; Infância.

¹ Graduando do curso de Letras – Língua Portuguesa pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira no Ceará. Deydng123@gmail.com

1. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

As memórias da infância nas narrativas africanas se constroem desde o tempo das expressões orais, que vem servindo de alicerce na construção das literaturas africanas. A escrita não se distanciou da oralidade nem tão pouco a oralidade da escrita, ambas seguem juntas abrindo espaço para que cada autor conseguisse se expressar do melhor jeito possível e contribuísse no campo dos estudos literários. Nesse sentido, Padilha fala do que é chamado de espaço “interseccional e liminar, situado entre voz e letra”. (PADILHA, 2007, p.26), reforçando a importância das memórias da infância do autor (voz) transformadas em literatura (letra).

Nesse parâmetro, estudo tem como objetivo analisar e compreender as representações da infância na literatura angolana a partir da narrativa “*O nascer do sol*” de Luandino vieira, (1955). Por essa perspectiva, entender as concepções que estão envolvidas na conceitualização do que é ser uma criança na puberdade. Além disso, analisar o resgate da evolução do conceito de infância, associando-a às mudanças relacionadas à dinâmica social, marcada pelo surgimento de novas estruturas familiares, fatores históricos e culturais. Deste modo, a narrativa serve de base para o aprofundamento da indagação sobre a necessidade de publicação de obras referente as literaturas infantis em Angola, visto que, o mercado vem se ampliando e a tendência de produção desta área vem se estreitando em cada vez que o foco dos autores for outros gêneros.

Como marco histórico na área de literatura infantil angolana, podemos nos reportar a Rui Monteiro com a sua obra “*A Caixa*” publicada em 1 de dezembro de 1977, considerada a primeira obra inédita nesse campo. O trabalho do autor conta a história de Kito, que é apresentado como o personagem principal, que perde seu pai na guerra civil, logo após a independência de Angola, sendo assim, sua mãe se sente obrigada a fugir para a capital Luanda em busca de melhor condição de vida. Embora seja o primeiro livro do autor, podemos notar as variedades linguísticas propriamente angolana usada na época, e os erros ortográficos apresentados no livro.

Assim, é possível, por meio destes contos, e por meio da infância neles representada, analisar as mudanças ocorridas na sociedade angolana e na história daquele país ao longo de meio século.

Atualmente, autores angolanos focam mais em temas diversos em suas obras e poucas vezes falam sobre a passagem da infância à puberdade e da puberdade a adolescência, mesmo sendo uma das melhores fases que já tivemos em todas as nossas vidas e porque é raro autores angolanos falando sobre memória e infância, e tentar descrever o quão importante foi e é essa fase demonstrada no conto de Luandino Vieira e em outros autores que um dia escreveram sobre o mesmo tema. Esses e outros fatores motivaram a realização desta pesquisa e serviu de base para que os próximos trabalhos se apoiassem nas ideias que o presente trabalho proporciona. Desse modo, não deixar que temas semelhantes se esgotem sem mesmo serem abordados.

O Interesse por essa temática surgiu ao observar que, ao se estudar a literatura angolana, existe um vasto campo inexplorado pelos autores nacionais que fazem com que ele se perca ao decorrer dos tempos, sendo assim, limitam-se, em partes, na abordagem de temáticas voltadas para um público específico, deixando de abranger temas de caráter juvenil ou até mesmo infantil na sua íntegra. Logo, o conto em destaque servirá de base teórica para as demais temáticas que posteriormente serão estudadas.

DESENVOLVIMENTO

O estudo comparado da representação da infância em narrativas de escritores angolanos de diferentes gerações possibilita a compreensão de dois momentos complexos da história de Angola, atenuados pelas personagens infantis, através da literatura.

Se a cidade de Luanda é o espaço privilegiado trilhado pela maioria dos textos ficcionais angolanos no pré e pós-independência, talvez poucas personagens possam exemplificar as transformações pelas quais passou o país e a literatura de Angola nos últimos cinquenta anos como as infantis, na medida em que as várias denominações que elas recebem são o indício dessas modificações, assim como a sua configuração, que indica novas formas de narrar. (MACÊDO, 2007, p.358).

O conto “*O nascer do sol*” do autor angolano José Luandino Vieira, apresenta algumas das características que ao longo dos tempos, tornaram-se marcas do escritor: a paisagem urbana e o contexto de pobreza e marginalidade de Luanda; a oralidade pronunciada da narrativa; o convívio e a tensão entre negros, brancos e mulatos; a crítica da modernização excludente. Engajado e radicalmente inovador, Luandino ajudou a consolidar a literatura angolana no período de luta contra a colonização portuguesa, criando uma dicção literária única.

A narrativa de igual modo, é apresentada na terceira pessoa e consequentemente o narrador observador toma conta da narrativa, mas há de se analisar profundamente a questão do narrador, embora ele não se apresenta em primeira pessoa na narrativa ainda questiono que também seja um narrador onisciente, pelo fato do conto tratar das suas vivências nos bairros de Luanda e como ele consegue ser tão natural em suas escritas que só quem é angolano puro (não que exista angolanos não puros, mas é uma forma como os angolanos falam para aqueles que conhecem detalhes de cada brincadeiras de infância em Angola entre outras coisas que só é encontrada em Angola).

Em “A Cidades e a Infância” de 2007, Luandino Vieira, traz um pouco de tudo que aprendeu em sua infância o livro traz narrativas breves, inspiradas na sua infância, vivida nos bairros pobres de Luanda, em companhia de meninos negros e mestiços. Por isso ainda acredito que mesmo não se fazer presente como narrador onisciente ele de alguma forma faz parte desta brilhante narrativa que encontramos um espaço físico onde decorre a narrativa, envolvendo os bairros e lugares onde os personagens desenvolvem suas

brincadeiras, enquanto o tempo traz em si lembranças do passado do autor trazendo sua infância como memórias de que um dia o autor foi criança. Embora que o tempo não seguiu uma ordem cronológica, o autor descreveu de forma mais simples que qualquer leitor na primeira leitura sinta o prazer de viajar nas memórias do autor pela forma única e propriamente angolana em cada passo da narrativa.

Entretanto, não podemos deixar de notar a particularidade de Luandino vieira em seus textos que se mostra muito tradicional e seus traços da variedade linguística de Angola onde combina as línguas nacionais com o português trazendo a cultura e a variedade angolana dentro e fora do país.

É notável, o reconhecimento de Ondjaki, em seu livro *A Bicicleta que tinha Bigodes* (2012), o agradecimento profundo aos escritores Manuel Rui (Angolano) e Luís Bernardo Honwana (Moçambicano) quando ele diz: "Vos agradeço, vos abraço: em criança como agora, eu andava em busca das vossas histórias para fingir e acreditar que os livros sempre inventam essa fogueira de sermos meninos à volta dela" (ONDJAKI, 2012, p.23), pelas formas como descrevem suas histórias e não perdem o foco principal, fazendo com que, o autor se sentisse criança nos tempos atuais quando lê: *Quem me dera ser onda* (1982) e *Nós matamos o Cão-Tinhoso* (1964). Apesar das obras serem de autores que são de países diferentes em África, essas obras, carregam raízes semelhantes na sua essência e nas suas mágicas que acabam transbordando memórias ao pé da fogueira.

Tivemos a oportunidade de ouvir e ver o relato de experiência de um dos estudantes universitários de nacionalidade angolana que estuda no Brasil a mais de 4 anos, que decidiu partilhar ideia e contribuir para que esta pesquisa tivesse êxito, em que falou sobre seus primeiros contatos com brincadeira em seu relacionamentos com seus amigos de infância, repetindo sobre as vezes que se organizava isto é, tomando banho e por falta de hidratante usava óleo de cozinha para dar um brilho na pele, pentear seu cabelo e usar uma roupa limpa que muitas das vezes fazia com que as meninas da época o olhassem como um menino lindo. Porque ser lindo nesta época segundo ele, era estar limpo e usar uma roupa limpa não necessariamente ser lindo de aparência.

E isso, era um hábito entre os meninos que absurdamente estavam a fim de descobrir suas paixões amorosas de infância, e que para isso ser realizado, muitas vezes as meninas eram muito difíceis de serem conquistadas. Umás meninas amavam rosas, enquanto outras gostavam de cartas e ainda existiam meninas que amavam meninos inteligentes na escola. Por isso, muitos meninos estudavam muito para que as meninas as notassem. As meninas na época não tinham vergonha de meninos que faziam trabalhos de casa, nem tão pouco menino que não tem nada, era só o menino ser sincero e ser romântico que as meninas sempre davam uma chance, apesar de Angola passar muito tempo em conflito interno, onde atrasou a educação do país e todos os sectores existentes no território nacional.

Logo, podemos notar que, a infância sempre será uma das melhores fases que qualquer angolano teve, porque nem mesmo com o problema no país

os meninos eram mais felizes e com ou sem bens materiais.

CONCLUSÃO

Entretanto, é notável a grande importância que as memórias da infância em narrativas africanas carregam no amplo campo da escrita literária, e no “*O Nascer do Sol*” de Luandino Vieira, podemos encontrar a relação entre a passagem da puberdade e o início da adolescência.

Sendo assim, a infância fica representada pelas marcas propriamente angolanas, onde uma sombra de árvore serve para as crianças se reunirem e manter as conversas em dia, conversar no portão de casa, fugir de casa para ver meninas na esquina e se declarar, fazendo com que o autor levasse ideia de que o mais importante para os meninos na época era, não estar parado, viver tudo o que sentiam, aproveitar o tempo que não volta mais.

Portanto, através da menção dos ambientes sócio históricos e cultural, por onde o autor escreve a narrativa e o espaço temporal em que são realizadas, podemos notar o comprometimento do ficcionista em reviver seu tempo histórico, levando em consideração as dificuldades enfrentadas na época, que várias vezes, podemos notar em sua obra. Por fim, é necessário salientar a abertura de portas para futuros estudos que estejam interessados em analisar a relação entre a escrita e oralidade nos estudos literários em outras culturas.

REFERÊNCIAS

AMÂNCIO, Íris. **África para Crianças: histórias e culturas africanas na educação infantil**. 1. ed. Nandyala. Vol. 1 e 2: Belo Horizonte, 2010.

DEBUS, Eliane S. D.; VASQUES, Margarida Cristina. **A linguagem literária e a pluralidade cultural: contribuições para uma reflexão étnico-racial na escola**. Conjectura: filosofia e educação, Caxias do Sul, v. 7, n. 1, p.133-144, 2009.

HONUANA, Luís Bernardo. **Nós Matamos o Cão-Tinhoso**. Cotovia. Lisboa. 2008.

MONTEIRO, Manuel Rui. **A Caixa**. Luanda, edição Conselho Nacional de Cultura, 1977.

ONDJAKI. **A Bicicleta que Tinha Bigodes**: estórias sem luz elétrica. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

PADILHA, Laura. **Entre voz e letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX**. 2.ed. Niterói: EdUFF; Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2007. p. 26.

SECCO, Carmen Lúcia Tindó (Org.). **Ensaio Sobre Literatura Infantil de Angola e Moçambique: entre fábulas e elegorias**. Quartet: Rio de Janeiro, 2007.